

**ANGÚSTIA ANTE A MORTE: O FENÔMENO ONTOLÓGICO DA MORTE EM  
MARTIN HEIDEGGER.**ANGUISH IN THE FACE OF DEATH: THE ONTOLOGICAL PHENOMENON OF  
DEATH IN MARTIN HEIDEGGER.**Gilvanio Moreira<sup>1</sup>**

giovanifilosofia@gmail.com

**RESUMO**

O objetivo do presente artigo é o de discutir algumas das linhas mestras presentes nos § 47 ao § 53 da obra *Ser e Tempo* (GA 2), escrita pelo filósofo alemão Martin Heidegger. Nestes parágrafos, o pensador nos faz meditar sobre o modo como, sob o aspecto do cotidiano, somos tomados por uma interpretação do fenômeno morte a partir das “vozes” do impessoal (Das Mann). Em contraponto a este aspecto, a intenção do trabalho em tela é o de perscrutar a interpretação fenomenológica da morte, executada pelo autor, em se tratando de sua relação com a disposição fundamental (Grundstimmung ou Grundbefindlichkeit) da angústia como ponto de crise frente ao seu aspecto público-impessoal. Para subsidiar este trabalho, serão usadas, essencialmente, as obras: *Sein und Zeit* (1927) *Ser e Tempo* (GA 2) e *Was ist Metaphysik?* (1929) *Que é Metafísica* (GA 9).

**Palavras-chaves:** Morte. Ontologia-fundamental. Angústia. Dasein. Heidegger.

**ABSTRACT**

The purpose of this article is to discuss some of the main lines present in § 47 to § 53 of the work *Being and Time* (GA 2), written by the German philosopher Martin Heidegger. In these paragraphs, the thinker makes us meditate on how, under the aspect of everyday life, we are taken by an interpretation of the death phenomenon from the “voices” of the impersonal (Das Mann). In contrast to this aspect, the intention of the work on screen is to examine the phenomenological interpretation of death, performed by the author, in terms of its relationship with the fundamental disposition (Grundstimmung or Grundbefindlichkeit) of anguish as a point of crisis in the face of its public-impersonal aspect. In order to subsidize this work, essentially, the works will be used: *Sein und Zeit* (1927) *Being and Time* (GA 2) and *Was ist Metaphysik?* (1929) *Which is Metaphysics* (GA 9).

**Keywords:** Death. Ontology-fundamental. Anguish. Dasein. Heidegger.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

## MORTE E ANGÚSTIA NA ANÁLISE DE *SER E TEMPO*

A análise da morte tem a função de expor numa direção o caráter radical de porvir do *Dasein* [...] A análise da angústia tem a única função não de tornar visível um fenômeno central no homem, mas de preparar a questão: com base em que sentido metafísico do próprio *Dasein* é possível que o homem possa ser colocado diante de algo como o nada? [...] Só se compreendo o nada, tenho a possibilidade de compreender ser.<sup>2</sup>

A passagem acima se refere a um trecho da famosa “Disputa de Davos”, onde os pensadores Martin Heidegger e Ernst Cassirer travaram um diálogo sobre as principais tessituras presentes tanto em *Ser e Tempo* como também a respeito de uma preleção dada por Heidegger sobre a *Crítica da Razão Pura* de Immanuel Kant nos anos de 1928/29.<sup>3</sup>

De modo geral, a passagem reproduzida acima nos aponta para parte da elucidação que iremos fazer nas letras abaixo. Como fio condutor, trataremos da questão da Morte e Angústia, sua relação com a estrutura ontológica do Cuidado ou Cura (*Sorge*), indicando, por mais que superficialmente, a amarração ontológica que há nesses três fenômenos com o tema da decisão-antecipadora-da-morte, conforme descrita em *Ser e Tempo*.

De início, é preciso reconhecer que o tema da morte e angústia sempre foram tidos como um dos mais intrigantes que já tomou conta de muitas das folhas, não apenas da história da filosofia, como também de muitas outras esferas do pensamento.

Muitos são os estudos acerca das análises e discussões que giram em torno da questão desses dois temas, seja no campo das ciências ônticas, como no caso da Biologia ou Tanatologia, ou no que tange às esferas dos estudos das ciências regionais e positivas, como é o caso da Teologia<sup>4</sup>.

Embora muitas sejam as áreas que se ocuparam desses estudos, em *Ser e Tempo* o pensador alemão Martin Heidegger (1889-1976) trata desses dois fenômenos a partir de um prisma diferente, ou seja, sob as lentes do método fenomenológico – muito bem aprendido

<sup>2</sup> HEIDEGGER, M. **Kant e o Problema da Metafísica**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019, p. 281. Conferir também in: HEIDEGGER, M. *Kant y el problema de la metafísica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998, p. 217.

<sup>3</sup> A preleção *Kant e o Problema da Metafísica* (1928/29) trata da discussão de Heidegger com Kant ao que concerne à sua análise da primeira versão da *Crítica da razão Pura* e dos problemas relacionados aos limites do conhecimento e da razão finita.

<sup>4</sup> Para a questão da positividade da Teologia, vide conferência de 1927 **Fenomenologia e Teologia** in: HEIDEGGER, M. *Marca do caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008.

através de seu mestre Edmund Husserl –, junto ao qual tece seu projeto de “desconstrução” de um pensamento substancialista.

Sob tal prisma, o pensador nos mostra que o fenômeno da morte, bem como o da disposição fundamental da angústia, entre muitos aspectos ônticos, pertencem *essencialmente* à esfera do ontológico e é nesse mesmo âmbito que tais temas entram na obra do pensador alemão – *essencialmente* anunciados na sua obra de 1927, *Ser e Tempo* (GA 2) –, como uma espécie de manobra para demonstrar, formalmente, como se dá a relação da morte – enquanto possibilidade existencial – com a estrutura ontológica do cuidado (*Sorge*).

Antes de mais nada, também é importante frisar que, com a análise existencial do instante (*Augenblick*) de decisão ante a finitude, isto é, no momento da articulação da temporalidade própria, este pensador acaba apontando os dois caminhos para sua descrição do elemento chave que faz de todo *Dasein* um ente finito.

Desta forma, tanto a noção de morte – enquanto elemento iminente ao humano –, como também uma descrição de sua essência – na “qualidade” de movimento nadificador – são postos em xeque por Heidegger.

Assim, também podemos antecipar o fato de que, com a descoberta da noção ontológica do ser-para-morte, este pensador nos revela a possibilidade da verdade enquanto liberdade para a finitude. Em outras palavras, enquanto com o termo *liberdade* o autor nos acena para a *ver transparecente da situação hermenêutica*; com a noção de *verdade* nos aponta para *possibilidade de se deixar levar pela decisão* – um modo do poder-ser próprio com o qual *Dasein* desvela o *como* ele se encontra em meio a sua situação – e, desse modo, ao acesso à condição existencialmente própria, por meio da qual, segundo *Ser e Tempo*, surge a possibilidade de uma acontecência singular, própria, ou autêntica – com reservas ao que essa última palavra possa denotar quanto a uma carga metafísico-valorativa.

*Grosso modo*, ainda conforme sua descrição, a disposição fundamental da angústia (*Grundstimmung*) nos desvela para a condição finita desde a qual estamos projetados e que nos remete para a possibilidade de uma atitude radical ante a nossa finitude.

Ademais, é preciso atentar para o fato de que, segundo a “aula” de fenomenologia presente nesta obra, o *Dasein* – nesse contexto, o modo de ser da existência, o humano – angustiado é angustiado ante a morte. De pronto, é válido ressaltar que “não se deve confundir a angústia

com a morte e o medo de deixar de viver”.<sup>5</sup> Muito longe disto, com tal passagem quer-se dizer: enquanto “disposição fundamental do *Dasein*, a angústia não é um humor “fraco”, arbitrário e casual de um indivíduo singular e sim a abertura de que, como ser-lançado, o *Dasein* existe para seu fim”.<sup>6</sup>

A angústia, tematizada na obra de 1927, portanto, é uma descrição de um momento positivo do *Dasein* e não deve ser confundida com o “temor” ou “medo” de o humano poder deixar de existir. Aquém disto, esta disposição fundamental tem o “papel” de revelar, por meio da estranheza do nada, a finitude do ente temporal que cada um de nós, em cada caso, somos; e não necessariamente o fim de um ente corpóreo.

Em vista disto, para tematizar a relação da angústia com a morte, *Ser e Tempo* abrirá uma problematização do modo de ser do *Dasein* cotidiano e, assim, deixar transparecer tanto os principais elementos concernentes à morte fática, como também seu modo de aparição fenomênica caracterizado pela sua iminência.

Deste modo, nos parágrafos centrais da obra de 1927, Heidegger tanto seguirá o “caminho proibitivo” fenomenológico para demonstrar como a questão da morte aparece para o cotidiano de modo impessoal (*Das Mann*) – ao modo público com o qual, cotidianamente, nos ocupamos da morte –, como também analisará sua manifestação ontológica. Frente a isto, ao contrário de toda a tradição de pensamento metafísico, a descrição fenomenológica de Heidegger apontará para uma novidade em relação ao tratamento da questão da morte e a angústia, pois não se restringirá aos seus “aspectos” enquanto manifestações ônticas.

Portanto, evitando compreender a morte apenas como mero findar, o pensador da “floresta negra” elevará este problema da finitude para a sua esfera existencial. Nesse sentido, a morte, nessa descrição, não passa apenas pela análise do seu sentido vulgar, mas avança para além disto demonstrando a sua possibilidade existencialmente própria.

---

<sup>5</sup> HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 327.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 327.

## O SER-PARA-A-MORTE NA COTIDIANIDADE DESCRITA EM *SER E TEMPO*

Tratada pelo prisma do cotidiano, a morte entra na história da humanidade por meio da descoberta da “vida”, isto é, por meio do limite entre ser e não-ser. Tomada por essa acepção, vida e morte se co-pertencem.

A arte literária, por exemplo – bem como, a cada modo, a poesia, pintura, escultura, arquitetura, cinema ou música –, registra o fenômeno da *morte* como *aquilo que chega a nós de fora* para fazer com que cada um possa cumprir sua sentença. Conseqüentemente, na morte natural, nos encontramos “com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo, morre”.<sup>7</sup> *Para morrer basta estar vivo.*<sup>8</sup>

Igualmente, cotidianamente falamos dos lucros dos negócios, das obrigações; das “responsabilidades”; dos afazeres do dia-a-dia; da importância da chamada “contribuição” ou pagamento da aposentadoria –, pois deposita-se crédito na possibilidade que “cobre” o humano que é hoje um jovem para “proteger” os proventos do velho que será “amanhã”.

Com efeito, lidamos com a nossa existência com otimismo de que estaremos vivos amanhã. Como se diz popularmente: *plantamos as sementes hoje para poder colher o seu fruto no amanhã*. Logo, corre-se os dias junto à inquieta necessidade de acúmulo de “riquezas”, sem nos deixarmos tocar por aquilo que nos é o mais próximo e iminente, a nossa finitude.

Do mesmo modo, “o teor público da convivência cotidiana ‘conhece’ a morte como uma ocorrência que sempre vem ao encontro, ou seja, como ‘casos de morte’. Esse ou aquele, próximo ou distante, ‘morre’”.<sup>9</sup> Por isso, cotidianamente diz-se que aquele que partiu, descansou, cumpriu sua missão, encerrou suas preocupações com as coisas da vida. “Desconhecidos ‘morrem’ todo dia, toda hora. ‘A morte’ vem ao encontro como um acontecimento conhecido, que ocorre dentro do mundo. Como tal, ela permanece na não-surpresa característica de tudo aquilo que vem ao encontro na cotidianidade”.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> SUASSUNA, A. **O auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1975, p. 133.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, 2009, p. 320.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 328.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 328.

Com isto, no modo público-impessoal, “a morte se desvela como perda e, mais do que isso, como aquela perda experimentada pelos que ficam”.<sup>11</sup> Tal passagem nos diz, entre outras, preliminarmente duas coisas. Primeiro: sendo “ser-com os outros, o *Dasein* pode obter uma experiência da morte”<sup>12</sup>. E, segundo: “esse dado ‘objetivo’ da morte também deverá possibilitar uma delimitação ontológica da totalidade do *Dasein*”.<sup>13</sup>

Contudo, faz-se importante lembrar que, quanto à experiência *objetiva* da morte, deve-se atentar para o fato de que “ao sofrer a perda, não se tem acesso à perda ontológica como tal, ‘sofrida’ por quem morre. *Em sentido genuíno, não fazemos a experiência da morte dos outros. No máximo, estamos apenas ‘junto’*”<sup>14, 15</sup>

Aqui, consta-nos um adendo interessante, afinal o fato de o *Dasein* não poder experimentar a morte do outro *como um todo*, mas apenas *objetivamente*, revela-nos que é por meio deste: “objetivamente”, que Heidegger retira a possibilidade do exame ontológico da morte.

Em tal exame, o pensador nos mostra que o fenômeno cotidiano da morte nos atravessa muito fugazmente, e, quando não isso, leva-nos, em muito dos casos, ao temor, perplexidade e desespero ante a morte. Isto é asseverado pela passagem em que diz, o “impessoal também já assegurou uma interpretação para esse acontecimento. A fala pronunciada ou, no mais das vezes, ‘fugidia’ sobre a morte diz o seguinte: algum dia, por fim, também se morre mas, de imediato, não se é atingido pela morte”.<sup>16</sup> Tal testemunho nos revela que “no âmbito público, ‘pensar na morte’ já é considerado um medo covarde, uma insegurança do *Dasein* e uma fuga sinistra do mundo” e isso porque “o impessoal não permite a coragem de se assumir a angústia com a morte”.<sup>17</sup>

Essa pequena observação dos aspectos ônticos e ontológicos do fenômeno da morte até aqui abordados, nos mostra que a morte pode ser analisada tanto como o falecimento natural,

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 313.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 311.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 311.

<sup>14</sup> Nesse “ser-com o morto, o finado *ele mesmo* não está mais de fato ‘por aí’. Ser-com indica sempre conviver no mesmo mundo. O finado deixou nosso ‘mundo’ e o deixou para trás. É *a partir do mundo* que os que ficam ainda podem *ser e estar com ele*” (HEIDEGGER, 2009, p. 312. Grifo nosso.).

<sup>15</sup> HEIDEGGER, 2009, p. 313. Grifo nosso.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 328.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 330.

como também, enquanto interpretação ontológico-existencial, isto é, pelo viés da ameaça iminente exercida pelo ângulo existencial do fenômeno da morte.

De fato, por um lado, a morte pode ser compreendida ônticamente como o fim de um ciclo de vida “animal”; e, por outro, enquanto interpretação ontológico-existencial, como uma possibilidade iminente à toda existência (*Dasein*).

Nessa primeira acepção, tal fenômeno aparece como o princípio da vida e, conseqüentemente, como surgimento da possibilidade de seu fim; como o findar da existência do humano sobreposta pela morte; na segunda, como *iminência* avassaladora que acoisa o *Dasein* a cada “nanossegundos” de sua existência.

Ademais, como dito anteriormente, a morte é algo de co-pertencente ao fenômeno da vida, entretanto, “deve-se entender vida como uma espécie de ser ao qual pertence um ser-no-mundo. Do ponto de vista ontológico, esse modo de ser pode fixar-se ao *Dasein* apenas numa orientação privativa”.<sup>18</sup> Antes porém, em se tratando do *Dasein*, “a interpretação existencial da morte precede toda biologia ou ontologia da vida. É ela que fundamenta qualquer investigação histórico-biográfica e psico-etnológica da morte”.<sup>19</sup>

A necessidade de uma análise do fenômeno da morte por vias ontológicas, anunciada na obra de Heidegger, acenaria para aquilo que se tornou parte do projeto de sua obra, isto é, de uma “ontologia-fundamental”. Tal desdobramento apontaria para uma espécie de “correção ontológica” dos fenômenos de base da tradição metafísica e, por sua vez, uma contribuição da ontologia-fenomenológica para as “ontologias regionais” ou até mesmo para as ciências ônticas em geral. Por conseguinte, “numa ordem metodológica, a análise existencial precede as questões da biologia, psicologia, teodiceia e teologia da morte”.<sup>20</sup>

Apesar de tecer a análise do problema da morte pela via ontológica, Heidegger não deixa de apontar as suas variantes, isto é, como ela nos “aparece” impessoalmente. Não obstante, este autor se concentra junto ao caráter de iminência da morte como nos acena nessa passagem: “a morte desvela-se como a possibilidade *mais própria, irremissível e insuperável*. Como tal, ela é um impendente privilegiado”.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 321.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 322.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 323.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 326. Grifo do autor.

Em vista disto, a noção existencial da morte em seu momento positivo se mostra “como ser-lançado para o poder-ser mais próprio, irremissível e insuperável. Com isso, ganha nitidez a delimitação frente a um mero desaparecer, a um mero finir ou ainda a uma ‘vivência’ do ‘deixar de viver’”<sup>22, 23</sup>

Ademais, com a noção de “impedente privilegiado” Heidegger nos desvela uma característica existencialmente própria à noção de iminência, isto é, o seu *ainda-não*<sup>24</sup>. E isto porque, em se tratando de um ponto de vista ontológico – quer dizer, apenas se referindo aqui ao ente cujo caráter é o de poder-ser –, o *ainda-não*, isto é, o impedente privilegiado, revela-nos o seu imediato: o fato de o *Dasein* *ainda-ser*; de ainda ter consigo o seu “aí” (*Da*) e, por isso, *ainda-ser* as suas possibilidades abertas pelo seu campo fático.

*Grosso modo*, nessa singela palavra também se esconde um jogo entre o *ainda-ser-ainda-não* e a sua negação, pois, tanto nega a morte efetiva-natural, como também sinaliza para o fato de que, porque *ainda-sou*, tenho junto a mim a possibilidade do *nada*, do *não* e da *negação*.

O *ainda-não*, nesse caso, diz duplamente: posso o *não*, porque ainda *tenho de ser para ser*; como também diz: enquanto *tiver de ser*, estou aberto para um possível momento privilegiado e positivo da decisão de antecipação e descoberta de minha finitude e a responsabilidade perante a qual tenho de ser junto a ela<sup>25</sup>.

Entretentes, isso implica dizer que, enquanto tomado pelo *nada*, pelo *ainda-não*, o ser-no-mundo, o *Dasein*, é ser-para-morte. Tal possibilidade existencial funda-se essencialmente por meio da “antecipação-de-si” estruturada pela dimensão ontológica do cuidado (*Sorge*). Dito

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 327.

<sup>23</sup> A discussão a respeito do fato de o *Dasein* ser-para-o-fim de modo aberto segue nos trechos: “Findar não diz necessariamente completar-se. [...] Findar significa, de início, terminar, e isso num sentido ontológico diverso. A chuva acaba. Ela não mais está aí. O caminho termina. Esse findar não faz com que o caminho desapareça. Esse terminar qualifica o caminho como algo simplesmente dado. Findar enquanto terminar pode, pois, significar: passar a não ser mais simplesmente dado ou ser simplesmente dado com o fim. [...] Mas o findar, enquanto acabar, não inclui em si mesmo a completude. Ao contrário, aquilo que se quer completar deve atingir seu acabamento possível. *Enquanto fim do Dasein, a morte não se deixa caracterizar adequadamente por nenhum desses modos de findar. Caso se compreendesse o morrer como estar-no-fim, no sentido de um findar nos modos discutidos, supor-se-ia o Dasein como ser simplesmente dado ou como algo à mão* (HEIDEGGER, 2009, p. 319 e 320. Grifo nosso).

<sup>24</sup> Para se referir a questão do *ainda-não* com relação ao ente cujo modo de ser é o da mera presença ou subsistência, vide o § 48 (*O pendente, o fim e a totalidade*) da Obra, *Ser e Tempo*.

<sup>25</sup> Embora “aparentemente” desvinculada da noção de “nada” e “diferença ontológica” (veladamente tematizada na obra de 1927) a noção de *ainda-não*, nesse contexto de explicitação, somente será melhor trabalhada em textos posteriores a *Ser e Tempo*, como é o caso da conferência *Que é metafísica* (1929) e depois com a *Essência do Fundamento* (1935).



de outro modo: enquanto for cuidado, isto é, enquanto for *antecipação-de-si-mesmo* (existência) para com o *ser-em* (facticidade) um mundo sendo junto aos entes e aos outros (decadência) o *Dasein* se doará como *ser-para-a-morte*, isto é, como *ser-para-o-fim*. E isso porque, como demonstrado na passagem acima, “*no tocante à sua possibilidade ontológica, o morrer funda-se no cuidado*”.<sup>26</sup>

### ANTECIPAÇÃO DA FINITUDE E POSSIBILIDADE DA DECISÃO ANTE O NADA REVELADO NA DISPOSIÇÃO DA ANGÚSTIA

O fato de a estrutura ontológica do cuidado (*Sorge*) ceder espaço para uma interpretação existencial da morte mostra-nos que Heidegger retoma a este caráter da existencialidade – reunidas no *anteceder-se a si mesmo sendo em junto ao ente que vêm ao encontro no mundo* – para fundamentar o quanto o fenômeno da morte está ligado a este triplo momento temporal das *ekstases* de porvir, sido e atualidade.

Com tal chave de compreensão, o pensador se posiciona frente ao fenômeno positivo da morte – enquanto possibilidade ontológica –, através daquilo que está atado à totalidade do todo estrutural (mundo) e da sua abertura para com o *Dasein* por meio da existencialidade fomentada pelo triplo movimento ontológico do cuidado aberto pela temporalidade.

Entretanto, Heidegger precisará demonstrar qual o elemento constitutivo do *Dasein* que possibilita uma abertura privilegiada perante a qual surge a oportunidade de um *antecipação-de-si* no sentido próprio. É neste momento que, em *Ser e Tempo*, surge a disposição fundamental da angústia (*Grundstimmung*) como um tipo de abertura por meio da qual estranhamente o *Dasein* se vê projetado em um momento muito peculiar de sua existência.

Assim, se a interpretação analítico-existencial da morte deve obedecer a constituição fundamental do *Dasein*, ou seja, à estrutura ontológica do cuidado (*Sorge*); seu momento positivo, sua abertura privilegiada, também deve corresponder a um tipo singular de modulação temporal por meio da qual a finitude se revela ao *Dasein*.

Em outras palavras: se em toda *antecipação* de porvir a existência (*Dasein*) já traz consigo um modo de disposição *sida e*, por sua vez, uma articulação da ocupação ou preocupação por

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 327. Grifo do autor.

meio da atualização do discurso; será através da modulação desse triplo movimento *ekstático* – promovida pela estranheza que “desagua” junto à abertura da disposição fundamental – que se dará o momento positivo do *Dasein* frente ao instante positivo da decisão de antecipar a sua morte/finitude. Do mesmo modo, não seria demais acrescentar que esse instante da possibilidade de singularização do *Dasein*, dá-se como um alcance “anelar” que desvela para a existência a sua situação ou “transparência hermenêutica”.

Tudo isto nos revela que, se por um lado, sob o “decreto silencioso do impessoal, o que “cabe” é a tranquilidade indiferente frente ao ‘fato’ de que se morre”<sup>27</sup>, por outro, perante a estranheza revelada na angústia se veem suspensas todas as possibilidades dessa indiferença ante o fenômeno da morte. Uma vez mais: se “a elaboração dessa indiferença ‘superior’ *aliena* o *Dasein* de seu poder-ser mais próprio e irremissível”<sup>28</sup>, a estranheza promovida pela disposição fundamental, ao contrário, devolve-lhe esse seu momento para as suas possibilidades mais próprias.

Apesar de o poder de “deliberação” do impessoal exercer uma força sobre o *Dasein* – afinal de contas, para o falatório (*Gerede*) do impessoal tudo já se encontra decidido, inclusive o *quando* se morre: “algum dia se morre mas por ora ainda não”<sup>29</sup> –, nas análises dos parágrafos sobre a morte Heidegger nos mostra que pelo fato de que “a angústia torna manifesto o nada”<sup>30</sup> também se revela nela uma possibilidade de um momento positivo da existência. “Na angústia, o *Dasein* dispõe-se frente ao nada da possível impossibilidade de sua existência. A angústia se angustia *pelo* poder-ser daquele ente assim determinado, abrindo-lhe a possibilidade mais extrema”.<sup>31</sup>

De fato, em *Ser e Tempo*, a disposição fundamental da angústia se evidenciará como uma abertura privilegiada que *convoca* o *Dasein* a um modo específico de antecipação.<sup>32</sup> Segundo este tratado, a estranheza convocada pela angústia frente à morte/finitude coloca o *Dasein*

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 330.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 330.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 330.

<sup>30</sup> Heidegger, 2008. p. 122.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 343.

<sup>32</sup> Com o uso da palavra *convocar* quer-se indicar, de modo sutil, o existencial: *voz da consciência (Bewusstsein)*, a voz silenciosa do apelo ou clamor do cuidado apresentada por Heidegger em *Ser e Tempo*. Nesse contexto, apontamos para a vocalização do clamor do antecipar-de-si-mesmo presente na estrutura do cuidado. Este “chamado silencioso” é o que abre a possibilidade da antecipação da decisão e pagamento da “dívida ontológica” pela qual o *Dasein* é culpado. Nesse sentido, o apelo “convoca o *Dasein* (‘para frente’) para suas possibilidades mais-próprias”. (HEIDEGGER, 2012, p. 751).

“diante da possibilidade insuperável, a cuja responsabilidade ele está entregue”<sup>33,34</sup> A angústia, nesse caso, libera a decisão para que o *Dasein* possa retomar sua *culpa ontológica*, ou seja, o de *ter de ser* responsável por sua existência.

Nesse caso, tomada pelo prisma da aparição fenomênica, isto é, pelo método da fenomenologia, *angústia e morte não trazem consigo uma carga negativista/pessimista, muito aquém disto, revelam uma expressão da responsabilidade do peso de ser do Dasein.*

Retomando o que havíamos dito anteriormente, com o termo *antecipação do ser-si-mesmo-próprio*, Heidegger indica uma espécie de articulação da circunvisão das ocupações cotidianas por meio de uma modulação da estrutura da existencialidade. Se o que está em questão na analítica sobre a finitude ou a morte, enquanto fenômeno existencial em *Ser e Tempo*, é a possibilidade de uma existência própria ou singular; tal possibilidade é vista por meio de uma temporalização específica da estrutura do cuidado (*Sorge*).

A decisão-antecipadora-da-morte, nesse caso, se mostra como uma “indicação formal” de um momento positivo da existencialidade do *Dasein*. “A morte é a possibilidade *mais própria* do *Dasein*. O ser para essa possibilidade abre ao *Dasein* o seu poder-ser *mais próprio*, em que sempre está em jogo o próprio ser do *Dasein*”.<sup>35</sup>

Nesse sentido, “a *antecipação permite ao Dasein compreender que o poder-ser, onde o que está em jogo é o seu próprio ser, só pode ser assumido por ele mesmo*”<sup>36</sup>. Por isso, “a morte não apenas ‘pertence’ de forma não indiferente ao próprio *Dasein*, como reivindica ao *Dasein* enquanto singular”.<sup>37</sup>

Portanto, a noção de decisão-antecipadora-da-morte, apresentada performaticamente em *Ser e Tempo*, se mostra como uma acontecência aberta pela temporalização própria (*Zeitlichkeit*) e que abre em si mesma, não um evento fático que poderá ocorrer um dia, mas um *instante (Augenblick)* em que o *Dasein* se reconhece enquanto *tempo finito de ser*. Contudo, esse “tempo finito de ser” não se confunde com um *gozar a existência como se fosse o último de seus dias; como um “aqui e agora” ou um “carpe-diem” de má interpretação hedonista;*

<sup>33</sup> HEIDEGGER, 2009, p. 330.

<sup>34</sup> Um esclarecimento importante é o de que “o impessoal se ocupa em reverter essa angústia num temor frente a um acontecimento que advém”. (HEIDEGGER, 2009, p. 330.).

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 340.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 340. Grifo nosso.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 340. Grifo nosso.

*mas como um instante-próprio (Augenblick) de doação para com aquilo que se faz; sendo junto ao mundo de modo “pleno”.*

Em última análise, se “lançar-se para o poder ser próprio quer dizer: poder compreender-se no ser de um ente assim desvelado: existir”<sup>38</sup>; a decisão de antecipação da finitude, isto é, o momento positivo do poder-ser do existir, “comprova-se como possibilidade de compreender seu poder ser *mais próprio* e mais extremo, ou seja, enquanto possibilidade de *existir em sentido próprio*”.<sup>39</sup>




---

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 339.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 339. Grifo do autor.

## REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, M. Gesamtausgabe (Obras Reunidas), Frankfurt: Série. Ed. Klostermann.
- \_\_\_\_\_. Sein und Zeit. GA 02. Frankfurt: Série ed. Klostermann, 1977.
- \_\_\_\_\_. Wegmarken. GA 09. Frankfurt: Série ed. Klostermann, 1976.
- \_\_\_\_\_. Ser y Tiempo. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1997.
- \_\_\_\_\_. Kant y el problema de la metafísica. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- \_\_\_\_\_. 2009. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Vozes.
- \_\_\_\_\_. **Ser e Tempo**. Edição em Alemão e Português. Trad. Fausto Castilho. Editorial Universitaria.
- \_\_\_\_\_. 2012. **Kant y el problema de la metafísica**. México: Fondo de Cultura.
- HEIDEGGER, M. Gesamtausgabe (Obras Reunidas), Frankfurt: Série. Ed. Klostermann.
- \_\_\_\_\_. 1977. **Sein und Zeit**. GA 02. Frankfurt: Série ed. Klosterman.
- \_\_\_\_\_. 1976. **Wegmarken**. GA 09. Frankfurt: Série ed. Klostermann.
- \_\_\_\_\_. 1997. **Ser y Tiempo**. Trad. Jorge Eduardo Rivera C. Santiago de Chile: Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 1999. **Introdução à Metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro.
- \_\_\_\_\_. 1987. **Introdução à Metafísica**. Lisboa: Piaget.
- \_\_\_\_\_. 2008. **Que é Metafísica?** in: marcas do caminho. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 2008. **Marca do caminho**. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 2008. **A essência do fundamento**. In: marcas do caminho. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 2008. **A essência da verdade**. In: A essência da verdade in: marcas do caminho. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 2019. **Kant e o problema da metafísica**. Trad. Alexandre Sá e Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita.
- SUASSUNA, A. 1975. **O Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora.